

ARTIGOS

Artigas e o artiguismo no discurso político-eleitoral da Frente Ampla

André Lopes Ferreira*

Resumo:

Fundada no princípio dos anos 70 como coalizão de partidos de esquerda e grupos progressistas, a Frente Ampla (FA) ingressaria no campo político uruguaio disputando espaço com os tradicionais partidos Colorado e Nacional (Blanco). Nas eleições de 1971, como parte do discurso político-eleitoral da FA, pode-se notar a presença central da figura de Artigas, *herói* nacional do Uruguai. No presente artigo analiso como as lideranças frenteamplistas se apropriaram da imagem e memória artiguistas com o objetivo de criar uma identidade comum em torno dos projetos da nova frente partidária.

Palavras chave: Uruguai; Frente Ampla; Artigas.

Abstract:

founded in the beginning of the seventies as a coalition of the left-wing political parties and progressive groups, the Frente Ampla (FA) would ingress in the Uruguayan political field competing the room with the traditional political parties *Colorado* and *Nacional* (Blanco). In the elections of 1971, as part of the political-electoral discourse of FA, it is noticed the central presence of Artigas' figure, Uruguayan national *hero*. In the present article I analyze how the frenteamplistas leaderships appropriated the image and artiguistas memories with the objective of create a common identity around the projects of the new front party.

Keywords: Uruguay; Frente Ampla; Artigas.

* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Assis.

Ao completar quarenta anos de trajetória, a Frente Ampla segue chamando a atenção do historiador e demais observadores do cenário político regional. Seja pela força em que se transformou – foi a sigla mais votada nos dois últimos pleitos nacionais, 2004 e 2009, e governa Montevideu desde as eleições de 1989 –, mas sobretudo por continuar abrigando uma grande diversidade de correntes políticas, a aliança continua distinguindo-se no campo das esquerdas na América Latina. Neste artigo me ocupo da etapa de formação da FA, analisando como suas lideranças se apropriaram da imagem e memória artiguistas com o objetivo de criar uma identidade comum em torno dos projetos da nova frente partidária.

Fundada em fevereiro de 1971, a FA surgiu mediante extensas negociações entre as esquerdas e contou com a participação dos partidos Comunista, Socialista, Democrata-Cristão e setores progressistas cindidos dos partidos majoritários.¹ Como desafio, a nova força teve que disputar espaço com blancos e colorados, os quais dominavam quase integralmente a política nacional conformando um longo bipartidarismo.²

A ruidosa estreia da FA no campo político uruguaio e o importante número de adesões eleitorais por ela recebido podem ser em parte explicados pelo alcance de seu discurso. A estratégia adotada levou em conta a complexidade do público ao qual se pretendia falar e a *Declaração constitutiva* da coalizão, ao menos no plano discursivo, deixava clara essa heterogeneidade, pois a nova força,

[...] por su esencia y por su origen, por tener al pueblo como protagonista, ha permitido agrupar fraternalmente a colorados y

¹ Partidos majoritários: P. Nacional (Blanco) e P. Colorado; partidos minoritários: P. Comunista, P. Socialista e P. Democrata Cristão.

² Embora houvesse várias siglas atuando legalmente no Uruguai, pode-se falar de bipartidarismo uma vez que blancos e colorados conquistaram mais de 90% do eleitorado na maioria das eleições ao longo do séc. XX, e os partidos minoritários, por sua vez, raramente ultrapassaram os 10% dos sufrágios.

Os partidos Blanco e Colorado são também conhecidos como *divisas* ou *lemas tradicionais*. Na verdade, sob esse *bipartidarismo aparente* (SOLARI, 1988, p. 16), ambas as legendas eram bastante fragmentadas, apresentando numerosos *sublemas* internos, os quais acabavam funcionando como partidos dentro dos partidos.

blancos, a demócrata cristianos y marxistas, a hombres y mujeres de ideologías, concepciones religiosas y filosofías diferentes, a trabajadores, estudiantes, docentes, sacerdotes y pastores, pequeños y medianos productores, industriales y comerciantes, civiles y militares, intelectuales y artistas, en una palabra, a todos los representantes del trabajo y de la cultura, a los legítimos voceros de la entraña misma de la nacionalidad. [...]³

É curioso como, segundo o documento, temos a impressão de que ninguém está de fora da aliança e todos os uruguaios se encontram nela representados: *colorados* e *blancos*, *democrata cristãos* e *marxistas*, assim como *trabalhadores*, *estudantes*, *industriais*, *comerciantes* etc.; a *unidade* se *gestou* na *luta do povo*. O termo *povo* – categoria muito mais política do que sociológica – refere-se a uma maioria de difícil definição ou aos que não são da minoria, da *oligarquia*. Destarte, podemos nos perguntar se nos discursos da Frente Ampla a palavra *povo* é apenas um conceito sem contornos ou se remete a algo mais concreto e melhor delimitado.

Na *Declaração constitutiva* lemos que *correntes progressistas* convergiram para formar o grupo. Contudo, segmentos sócio-políticos muito diferentes concorreram para tanto, inclusive de *concepções religiosas* e *filosofias diferentes*. Assim, o teor do signifiante *povo*, apontado no documento como *protagonista* da *união*, não é dado por sua origem social ou partidária, mas por sua posição no espectro político; isto é, o *povo* para o qual a FA se dirige é fundamentalmente *progressista*, estando daí excluídos os extratos conservadores, os quais então não seriam *porta-vozes legítimos* da *nacionalidade*. Em um dos discursos do General Liber Seregni, candidato da frente à presidência em 1971, lemos:

[...] el Frente Amplio establece una línea divisoria entre quienes quieren mantener un régimen caduco, antipopular y opresor, y aquellos que desean los cambios que el país exige. Porque de un lado está la oligarquía blanca y colorada y, del otro, el pueblo blanco, colorado, democristiano, comunista, socialista, independiente. Ésta es la verdad y ésta es la definición de la hora.⁴

³ Declaración constitutiva. In: AGUIRRE BAYLEY, M. op. cit., p. 86-87.

⁴ Discurso de Seregni en Paysandú. 9 mai. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 87.

Mas como falar para segmentos político-sociais tão díspares entre si? Como tecer um discurso que contemplasse essas diferenças? Para empregar um conceito de Pierre Ansart (1978, p. 160), seria possível pensar em um *significante político*⁵ que pudesse ser compartilhado, ou melhor, aceito tanto por colorados quanto por brancos, ou mesmo por marxistas e democrata cristãos? Forçosamente haveria que se recorrer ao *imaginário social*⁶ para encontrar esse *significante*.

A busca levou à figura de Artigas, mito e construção política que, como veremos, transcendia às diferenças político-partidárias. Para Luis Costa Bonino, a importância desse personagem “[...] radicaría menos en sus ideas federales que en la circunstancia de ser una figura ajena a la dualidad blanca-colorada, y por lo tanto, la única referencia “nacional” posible. [...]” (COSTA BONINO, 1991, p. 20-21)

Contraditoriamente, apesar de ter sido sagrado como o *fundador da nacionalidade* uruguaia, o projeto político de Artigas era, antes de tudo, federalista, de maneira que o caudilho não reivindicava a soberania da Banda Oriental como nação.⁷ É óbvio que sua escolha como figura pátria foi realizada a partir *de cima*, da intervenção do Estado, mas a consolidação do

⁵ A realização do princípio de liberdade de expressão acarreta o aparecimento, numa mesma sociedade, de vários sistemas de significantes políticos, ou, em outras palavras, de várias “razões”. O regime pluralista gera esta situação muito particular de permanente contradição entre as razões e, simultaneamente, de permanente empreendimento de persuasões conflituais. Situa a produção e o consumo dos bens simbólicos no âmbito de um mercado onde os produtores se esforçarão por ampliar o público, por maximizar os seus ganhos em público, enquanto novos concorrentes não deixarão de surgir e manter a intensidade cotidiana da concorrência. [...] (ANSART, 1978, p. 160)

⁶ [...] Quando uma sociedade, grupos ou mesmo indivíduos de uma sociedade se vêm ligados em numa rede comum de significações, em que símbolos (significantes) e significados (representações) são criados, reconhecidos e apreendidos dentro de circuitos de sentido; são utilizados coletivamente como dispositivos orientadores/transformadores de práticas, valores e normas; e são capazes de mobilizar socialmente afetos, emoções e desejos, é possível falar-se da existência de um imaginário social. [...] (CAPELATO; DUTRA, 2000, p. 229)

⁷ Entre 1811 y 1820 Artigas fue el jefe indiscutido de la provincia oriental, con una importante influencia sobre otras provincias del litoral y centro argentino. Su proyecto, tenazmente defendido, fue la integración federal de las provincias que formaban lo

imaginário e memória nacionais é fruto também da “[...] experiencia social del pasado, de la historia oficial, de las versiones elaboradas por la academia, de las transmitidas por la familia, de las defendidas por los partidos políticos, corporaciones y grupos de interés. [...]” (COSSE; MARKARIAN, 1994, p. 9)

Por múltiplos caminhos, Artigas se tornou uma unanimidade ante a população, e sua epopeia continua insubstituível como símbolo nacional; é o que apontam Isabela Cosse e Vania Markarian em pesquisa do início dos anos 90.

Nessa investigação, as autoras incluíram inúmeros questionários⁸ que, submetidos à cidadania, nos revelam a importância do legado artiguista. Perguntados sobre qual personagem da história nacional mais lhes causava admiração, 63% dos entrevistados responderam que era Artigas. Para se ter uma ideia, José Batlle y Ordóñez, considerado uma das mais importantes figuras políticas do país no séc. XX, recebeu apenas 5% das preferências. (COSSE; MARKARIAN, 1994, p. 58)

Ao se considerar as clivagens partidárias, entre os que se declararam eleitores do Partido Colorado, 64% escolheram Artigas como o personagem histórico mais admirado, enquanto para os votantes do Partido Nacional o caudilho foi apontado por 53% dos entrevistados. Para aqueles que se identificaram como frenteamplistas, Artigas recebeu 71% das indicações, deixando patente a importância de seu vulto no universo simbólico da Frente Ampla. (COSSE; MARKARIAN, 1994, p. 58) É evidente que não há aqui uma relação puramente causal, isto é, ser eleitor da coalizão não implica em considerar Artigas um herói; não obstante, como teremos a oportunidade

que había sido el antiguo virreinato del Río de la Plata. *La única idea de nación concebida por Artigas era la Rioplatense, la referida a las Provincias Unidas del Río de la Plata.* En este sentido la suerte de canonización histórica recibida en la década del 80 a título de “Fundador de la nacionalidad uruguaya” es una de las cacofonías que muestran las enormes dificultades que ha presentado la solución del “problema nacional” para los uruguayos. (COSTA BONINO, 1991, p. 21, grifo meu)

⁸ A pesquisa foi elaborada segundo as técnicas dos estudos de opinião, e as entrevistas foram realizadas durante o mês de agosto de 1993, sendo consultadas 281 pessoas com idade entre 18 e 65 anos, com educação primária completa e domicílio na cidade de Montevidéu.

André Lopes Ferreira

de ver, desde a fundação da FA suas lideranças investiram reiteradamente naquela imagem, reivindicando a todo instante sua herança histórica e política.

Dentre os elementos constitutivos de uma cultura política, existem aqueles que se localizam em uma área compartilhada. Isso significa que mesmo estando em pontos diferentes do campo político, inclusive opostos, os agentes em disputa podem reconhecer e reivindicar como legítimos certos símbolos, ideias, mitos, enfim; podem concorrer por determinados elementos que são comuns a todos ou à maioria. Ao se referir a Artigas, o historiador José Rilla fala de uma *zona de concórdia* que ao longo de décadas foi *trabajosamente construída* pelos partidos: “[...] Durante mucho tiempo Artigas operó como última valla del conflicto político, como frontera del principio y el final de la nación: ninguna lealtad ha de ser más importante o superior a ella. (RILLA, 2008, p. 226)

No discurso eleitoral da Frente Ampla, percebido sobretudo nas falas de Líber Seregni, existe uma clara admiração e respeito pela memória artiguista, o que não constitui, é claro, nenhum fato excepcional, sendo ele um oficial do Exército que ainda adolescente ingressou na Escola Militar. (BLIXEN, 1997, p. 10-11) Acredito que Seregni, de acordo com sua formação e trajetória nas Forças Armadas, foi instruído sob uma rígida cultura cívica e por isso devotava enorme apreço aos ícones nacionais.

Em agosto de 1955, portanto muito antes de se envolver com a política partidária uruguaia, o ainda Tenente Coronel Liber Seregni se encarregou de elaborar o discurso das Forças Armadas em comemoração à declaração de independência. Em algumas passagens de sua fala, na qual faz uma recapitulação histórica do processo de libertação do país, observamos a deferência do militar ao que ele mesmo denomina como *altar da pátria*⁹.

⁹ Me ha tocado a mi traer la representación de las Fuerzas Armadas de la República, que hoy como ayer y como siempre, ofrendan sus armas y su fuerza en este verdadero *altar de la patria*, por aquellos ilustres varones que supieron forjar nuestra libertad [...]. Discurso del Teniente Coronel Liber Seregni durante la conmemoración del 25 de agosto de 1955. 25 ago. 1955. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 29. (Grifo meu)

No ensejo, após enaltecer aqueles que souberam *forjar a liberdade*, dizia: “Son las ideas de Artigas, el Precursor, que dejaron en surco fértil las simientes de la libertad que dinamizó su vida y que retomados ahora por sus capitanes, crecen en la gloriosa hazaña de la Cruzada y fructifican en la Asamblea de la Florida.”¹⁰ Mais adiante: “[...] Es el espíritu del *conductor genial*, el Pensamiento del *Precursor iluminado*, que asoma – eterno – en los actos de sus hijos. [...]”¹¹

Voltando a 1971, é possível que a importância de Artigas para o discurso eleitoral da FA se deva em parte à grande estima que Seregni lhe devotava. Talvez um postulante civil – que por certo também admiraria o personagem – não procedesse exatamente como o general, de forma que o peso de sua formação castrense não pode ser minimizado¹². Por outro lado, antes da criação da Frente Ampla, alguns de seus futuros membros há muito já cultuavam o ideário artiguista ou o tinham como referência, o que sem dúvida contribuiu para reforçar esse traço da coligação; dito de outra maneira, a nova força não adotou a bandeira de Artigas devido apenas às preferências de seu candidato.

O Partido Comunista, por exemplo, desde 1962 integrava a *Frente Izquierda de Liberación – FldeL*, aliança entre o PCU e outros grupos menores. Em várias oportunidades o partido associou a FldeL à imagem de Artigas, como lemos em seu jornal *El Popular* em meados dos anos

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem., p. 30. (Grifo meu)

¹² O civismo de Liber Seregni, é claro, ia além de sua admiração por Artigas, abrangendo toda a história nacional e suas datas comemorativas. Em duas de suas falas como candidato rendia homenagem a acontecimentos históricos:

Hoy, 18 de Julio, el país recuerda la primera Constitución que lo ha regido, la de 1830. En rigor, rememoramos el acto por el cual se constituyó la sociedad uruguaya, pues no hay sociedad que no esté regulada, sujeta a reglas básicas de convivencia. Esto es lo más relevante del aniversario. Discurso de Seregni en Montevideo el 18 de julio de 1971. 18 jul. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 163.

Hoy nos reunimos para recordar la Declaración de la Independencia de la Florida, realizada por nuestra primera Asamblea Legislativa hace ya 146 años. [...] Discurso de Seregni en el Palacio Peñarol, el 25 de agosto de 1971. 25 ago.1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 171.

60: Arismendi: “El F.I.DEL. es el eslabón entre Artigas y su pueblo”¹³ e *El F.I. de L. continúa la causa de Artigas*.¹⁴ Outra matéria, essa de 1969, tinha por título *La sagrada presencia de las ideas de Artigas*;¹⁵ um tanto inusitada em um diário comunista, a expressão *sagrada presença* é um indício do quão importante era esse personagem histórico para todo o campo político.

Também o *Movimiento de Liberación Nacional – Tupamaros – MLN-T*, representado junto à Frente Ampla pelo *Movimiento 26 de Marzo*, tinha em Artigas uma de suas referências.¹⁶ Em vários episódios a guerrilha deixou clara essa inspiração, como na tomada da cidade de Pando, cujo manifesto proclamava: “Sólo hay dos caminos: amansarse y tolerar o sublevarse y resistir. Nosotros predicamos y ejecutamos ese segundo camino, fieles a Artigas y los Tupamaros que en el pasado pelearon hasta el fin.”¹⁷

Continuando, é preciso questionar qual foi o Artigas reivindicado pela FA no contexto de sua primeira campanha. Por repetidas vezes, Seregni apontou o surgimento da Frente Ampla como parte de um processo que remontava às lutas pela independência do Uruguai no séc. XIX. Assim, temos em seu discurso uma leitura da história nacional na qual a nova frente política era apresentada como a força que deveria concluir o esforço libertador de Artigas.

¹³ Arismendi: “El F.I.DEL. es el eslabón entre Artigas y su pueblo”. *El Popular*, Montevideo, p. 1, 23 set. 1966.

¹⁴ El F.I. de L. continúa la causa de Artigas. *El Popular*, Montevideo, p. 16, 28 set. 1966.

¹⁵ La sagrada presencia de las ideas de Artigas. *El Popular*, Montevideo, p. 2, 6 out. 1969.

¹⁶ Para José Pedro Cabrera Cabral: Outro ponto importante sobre as referências à história nacional estava no discurso *artiguista*. O MLN declarava encarnar a continuidade de suas ideias. O discurso *artiguista* permitia reforçar o sentimento de Nação numa perspectiva latino-americana e encontrar um fio de continuidade entre a ação do MLN e aquela “revolução inconclusa”. No ideário de Artigas, o MLN encontrava conteúdos democráticos radicais e de autogoverno, liberdades civis e propósitos de justiça social contemplados no seu avançado projeto agrário. Os valores que se associavam à sua figura, dignidade, valentia, ao seu humanismo, à sua capacidade militar e liderança popular, ocuparam lugar central na ideologia *tupamara*. (CABRAL, 2007, p. 162)

¹⁷ TUPAMAROS. *Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional*. Montevideo: YOE, 1989, p. 11.

[...] Somos, si, los continuadores de la gesta artiguista; sí, otra vez, como hace 160 años, nos apoyamos firmemente sobre los conceptos de lo nacional y de lo popular, sobre la base de la libertad, sobre la democracia como una forma de vida y no como una palabra sobre la soberanía del pueblo – “Mi autoridad emana de vosotros...”-, sobre el criterio de justicia social que nos legara nuestro padre Artigas: “Los más infelices serán los más privilegiados”.¹⁸

O tom emotivo, quase profético, com que *nosso pai Artigas* é invocado, tentava sensibilizar o público tocando em uma região da memória coletiva que, compartilhada por todos, reforçava o sentido de unidade em torno do projeto frenteamplista. Em março, ao encerrar sua primeira fala como candidato, Liber Seregni se referiu do mesmo modo ao personagem; dificilmente em outro discurso eleitoral as ideias de *pai* e *pátria* estiveram tão explicitamente associadas.

Y antes de irnos, una invocación que nos sale del fondo del alma: Padre Artigas, aquí está otra vez tu pueblo; te invoca con emoción, y con devoción y bajo tu bandera, rodeando tu estatua, este pueblo te dice otra vez, como en la Patria Vieja, ¡padre Artigas, guíanos!¹⁹

A reivindicação de Artigas e seu legado pode igualmente ser entendida como uma estratégia épico-narrativa e, nesse caso, também política. Tentava-se estabelecer um nexo temporal vinculando presente (Frente Ampla) e passado (Artigas), de maneira que parecessem partes de um mesmo devir histórico. Nesse ínterim, Artigas era tomado como ponto de partida e a Frente Ampla, seu ápice.

No Departamento de Treinta y Tres, Seregni voltou a situar a FA como a realização desse devir, apresentado claramente ao público suas ideias a respeito do significado histórico da aliança. Conforme dizia, houve *três frentes amplas* no Uruguai: a primeira com Artigas, expressão do *sentimento nacional* surgido na luta contra a *oligarquia latifundiária*; depois, a dos *trinta*

¹⁸ Discurso de Seregni a militantes del Movimiento 26 de Marzo. [1971]. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 229.

¹⁹ Discurso de Seregni en la explanada de la Intendencia de Montevideo. 26 mar. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). Ibidem., p. 58.

André Lopes Ferreira

e três orientais, que, ignorando suas diferenças, defenderam a *patria ocupada*.²⁰ Apresentadas a primeira e segunda frentes, argumentava que ao longo da história republicana a população estivera como que impedida de se unir novamente por causa da profunda divisão entre blancos e colorados. Portanto, podemos entender que a *terceira frente*, a FA, claro, assumia um papel que era também de superação de diferenças, conciliando sob um projeto comum grupos políticos tradicionalmente opostos.

Luego, en toda historia de la república, el pueblo uruguayo estuvo dividido entre blancos y colorados. Las divisas tuvieron un gran y decisivo papel en la configuración del país. Nadie va a desconocer su valor, sino todo lo contrario. Nosotros no somos enemigos de las divisas que son pueblo; nosotros somos enemigos de los lemas que manejan los valores de las divisas tradicionales y pretenden usarlas al servicio de la oligarquía que está arruinando al país y a su pueblo. Y como estamos y recogemos la herencia de las divisas contra los lemas, *aquí estamos los blancos y colorados, junto a los democristianos, socialistas, comunistas e independientes, uniendo las divisas en las banderas del artiguismo*, para terminar con los lemas de la oligarquía, que ya son un cascarón vacío y en los que nadie cree. Sus divisas son historia popular, en tanto que los dos grandes lemas son manipuleo electorero. Los dos viejos lemas son, hoy, oligarquía. Los lemas no son las divisas.²¹ (Grifos meus)

Esse fragmento de discurso é especialmente rico em significados políticos, a começar pelo reconhecimento da importância histórica dos partidos majoritários; nunca será demais lembrar que o próprio candidato vinha de uma família colorada e batllista. Depois, Seregni recorria àquela que era a única insígnia capaz de representar todos os segmentos desse complexo *sujeito político* chamado Frente Ampla: a bandeira do artiguismo. Não à toa, como noticiava *El Popular*, o *grandioso* comício de 26 de março foi precedido pelo hasteamento dessa bandeira em um verdadeiro ritual cívico.²²

²⁰ Discurso de Seregni en Treinta y Tres. 30 mai 1971. . In: CAETANO, Gerardo (Coord.). *Ibidem.*, p. 107.

²¹ *Ibidem.*, p. 107-108.

²² [...] la ciudadanía vivirá instantes de gran emoción, procediéndose al izamiento de la bandera artiguista enarbolada por primera vez por Fernando Otorgués, valeroso

A própria criação da FA como um amálgama de forças é descrita por Seregni como parte da tradição artiguista, redimensionando dessa forma o sentido histórico de seu surgimento:

“[...] Nunca se abrió un cauce tan ancho para la unidad popular como en estos momentos. Nunca, salvo con Artigas. También junto a él el pueblo oriental se unió, para enfrentar a la oligarquía y al imperialismo de la época. [...]”²³; e concluía: “[...] Y hoy volvimos a lo mismo. Por eso el pueblo, por eso el Frente Amplio es el legítimo heredero de la tradición artiguista y toma sus banderas y su ideario.”²⁴

A mobilização de Artigas nos discursos de Seregni se faz sob uma complexa temporalidade. O caudilho reclamado em suas falas é de fato uma projeção – em direção ao passado como também ao futuro nacional –, isto é, uma figura ideal forjada em virtude de contingências do presente: a campanha eleitoral de 1971. Em outras palavras, o Artigas que reivindica Líber Seregni tem muito mais a ver com o Uruguai dos anos 70, governado por Jorge Pacheco Areco, do que com as províncias rio-platenses de princípios do séc. XIX, contexto no qual viveu. Atrever-me-ia a dizer que no discurso político da Frente Ampla Artigas é na verdade transformado em um frenteamplista.

Ao avaliar a mobilização e a utilização de mitos no mundo da política, Raoul Girardet afirma que “[...] Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história. [...]”; dentro dessa lógica, “[...] O mito tende, assim, a definir-se em relação à função maior que se acha episodicamente atribuída ao herói,

soldado del prócer, el 26 de marzo de 1815, como símbolo de la Provincia Oriental independiente. El diseño de bandera enarbolada hace 156 años y que hoy tremolará nuevamente al viento, en medio del júbilo popular, era: tres bandas horizontales, de color encarnado la superior; azul, la del medio; y blanca la inferior: vale decir, distinta a la actualmente adoptada como “bandera de Artigas”. Así será el grandioso acto. *El Popular*, Montevideo, p. 2, 26 mar. 1971.

²³ Discurso de Seregni en la explanada de la Intendencia de Montevideo. 26 mar. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). *Ibidem.*, p. 52-53.

²⁴ *Ibidem.*

como uma resposta a uma certa forma de expectativa, a um certo tipo de exigência. [...]” (GIRARDET, 1987, p. 82)

A Frente Ampla adotou Artigas como símbolo, mas de maneira seletiva, ressignificando a imagem do herói. Ao tomá-lo para si, ao se colocar como a perpetradora de seus ideais, a FA o fazia de maneira muito peculiar, pintando-o com tintas previamente escolhidas, carregando sua imagem nas cores que convinham ao momento, às necessidades objetivas colocadas.

Tomando-se a devida cautela, é possível dizer que a tentativa de legitimar as propostas da FA sobre a herança política de Artigas é bastante semelhante ao que fizeram as elites político-partidárias em fins do séc. XIX, pelo menos em seus propósitos centrais. Assim como para aqueles políticos era imprescindível a edificação da nacionalidade uruguaia, e por isso mobilizaram uma figura que transcendia às divisas tradicionais, para a Frente Ampla, não seria possível unir setores políticos de origens tão diversas sem recorrer a uma figura aceita por todos.

De fato, parece contraditório que uma força que se presumia renovadora recorresse a um símbolo tão *tradicional* (COSSE; MARKARIAN, 1995, p.69), mas a apropriação de Artigas pelo discurso frenteamplista obedecia a uma estratégia maior, de conquista de espaço político. A Frente Ampla não descobre Artigas, não fala dele como algo novo, desconhecido, seu *legado* já é há décadas ensinado nas salas de aula de todo o país; o prócer da independência é um mito com vida própria. Ao mobilizar sua figura, reivindicar para si sua bandeira, os frenteamplistas pisam em um *terreno* já conformado pela cultura cívica uruguaia.²⁵ Sobre isso, José Rilla considera:

²⁵ Raoul Girardet explica os processos de construção discursiva dessa natureza da seguinte maneira: [...] em sua estrutura, em sua forma como em seu conteúdo, a mensagem a ser transmitida [ao se reivindicar um mito político] deve, para ter alguma possibilidade de eficácia, corresponder a um certo código já inscrito nas normas do imaginário. Aqueles mesmos que quisessem jogar com o imaginário se veriam obrigados, assim, a submeter-se às suas exigências. O mito existe independentemente de seus usuários eventuais; impõe-se a eles bem mais do que eles contribuem para sua elaboração. (GIRARDET, 1987, p. 51)

[...] Dicho de otro modo, el costo de *usar la historia* en beneficio de una nueva tradición política, la frenteamplista, residía en la aceptación de los códigos, periodizaciones, panteones existentes y disponibles, desde los cuales y a los cuales transferir nuevas significaciones. Más que revisar, Seregni se ofrecía como continuidad de una historia interrumpida, recolocaba las piezas en torno a un eje que tendía oposiciones retóricas funcionales a un discurso político que era a la vez rupturista y tradicional, populista y ciudadano: oligarquía-pueblo, amigo-enemigo, nacional popular-extranjero extranjerizante. [...] (RILLA, 2008, p. 240)

A diferença fundamental é que na década de 1880 Artigas fora tirado do esquecimento, precisando ser construído ou, se preferirmos, convertido em herói nacional, enquanto depois de quase um século, Seregni e a FA lançaram mão de um mito político já consolidado, sedimentado na memória nacional e aceito por todos, independentemente de suas preferências ou vinculações partidárias.

No mais, as lideranças frenteamplistas não poderiam, por motivos evidentes, alicerçar a unidade política conquistada a duras penas sobre representações isoladas de qualquer elemento da coalizão. Apenas para exemplificar, como seria possível eleger um símbolo comunista qualquer como insígnia do grupo? Necessariamente os democrata cristãos não se sentiriam representados. E o que dizer daquela parcela de eleitores colorados e blancos que se aproximava, não sem desconfianças, das candidaturas e propostas da Frente Ampla? O fato de lidar com correntes políticas distintas, que possuíam histórias, personagens e simbologias próprias, não deixava muitas alternativas. A unidade só era possível se fosse urdida sobre um terreno comum, uma memória já partilhada por todos os setores envolvidos; exatamente por isso Artigas foi recrutado.

Quando lidamos com o tema da memória na área de história política, estamos tratando diretamente das identidades coletivas, que no caso podem ser de um grupo, partido, nação etc. Como estou abordando o discurso da FA no período de seu surgimento, não acredito que seja possível falar em uma identidade frenteamplista já naquela conjuntura. A propósito, se havia o desejo de homogeneizar o discurso do grupo num primeiro

instante, era somente no âmbito eleitoral que se pretendia fazê-lo, mas não ideologicamente. Os integrantes da Frente Ampla faziam questão de dizer que suas identidades não se diluiriam na aliança.

Com o advento da ditadura militar no Uruguai, em 1973, a FA conheceu um longo período de proscricção e resistência na clandestinidade e após a redemocratização do país, em meados dos anos 80, cada vez mais se consolidou como uma *família política* com identidade própria.²⁶ Se antes, por hipótese, um eleitor se definia primeiro como democrata-cristão e depois como frenteamplista, após a abertura essa sentença aos poucos foi se invertendo; esse processo, quiçá, aconteceu à revelia dos vários setores, que talvez preferissem manter-se diferenciados em face dos demais. De qualquer forma, embora em 1971 não houvesse na coalizão uma identidade propriamente dita, nesse período foram lançadas as bases que no futuro fizeram da FA um grupo mais consistente do ponto de vista identitário.

Como sabemos, o discurso é uma das formas mais usuais para a construção da identidade de um grupo, seja ele político, étnico, religioso etc. É sabido também que a identidade, individual ou coletiva, é um fenômeno contrastivo,²⁷ de forma que é no confronto com outras identidades que ela se constitui e também se consolida. Subjacente a todo processo de construção identitária existe um “nós”, que se diferencia

²⁶ [...] Quando o Uruguai recuperou sua democracia, a Frente Ampla recuperou seu espaço, incorporou os “desleais” (a guerrilha) e quebrou para sempre o bipartidarismo tradicional, obtendo a vitória por duas vezes consecutivas na capital do país. Atualmente é o partido que com maior propriedade pode ser chamado uma “família política”: existe uma probabilidade de mais de 80% de que os filhos de pais “frentistas” também o sejam (nos partidos Nacional e Colorado essas probabilidades oscilam entre 20% e 40%). (MOREIRA, 2000, p. 31)

²⁷ Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. [...] (POLLACK, 1992, p. 5)

e se protege dos “outros” por fronteiras nem sempre nítidas; é justamente por isso “[...] que a memória especificamente política pode ser motivo de disputa entre várias organizações. [...]” (POLLACK, 1992, p. 6) Aqui, a *negociação* com os outros assume a forma de concorrência.

Ora, se no discurso da FA a figura de Artigas serviu também para afirmar uma identidade, a saber, a dos legítimos *herdeiros* e *continuadores* de sua obra, os líderes frenteamplistas tiveram que lidar com o seguinte problema: qual Artigas faria parte do simbolismo da coalizão? Se todos os segmentos políticos uruguaios o reivindicavam, é notório que o Artigas da FA não poderia ser o mesmo adotado pelos partidos Colorado ou Nacional.

Uma vez mais lanço mão de um conceito utilizado por Michael Pollack, o do *trabalho de enquadramento da memória*, o qual é realizado quando determinados membros de uma coletividade, mormente os “historiadores”, *zela* por sua história, escrevendo-a, reescrevendo-a e, sobretudo, procurando conservá-la. “[...] Por conseguinte, o trabalho de enquadramento da memória pode ser analisado em termos de investimento. [...]” (POLLACK, 1992, p. 6-7)

Como não são apenas os *historiadores* aqueles a *investir* na história de um grupo, essa função é também desempenhada pelos encarregados de falar em seu nome, de representá-lo. No caso da Frente Ampla era Liber Seregni quem encarnava esse papel, e como a coalizão sequer possuía uma história pregressa, o vínculo que unia a todos era dado por aquilo que poderíamos entender como uma herança comum que fora transmitida pelo *Pai Artigas*, concebida aqui como o legado e projetos do caudilho, os quais seus presumíveis “descendentes” levariam a cabo.

Por meio de discursos e convocatórias, Seregni e a Frente Ampla promoveram o enquadramento de uma memória, e esse trabalho não se fazia apenas através das falas do candidato. Os principais atos públicos da FA eram realizados em dias estrategicamente escolhidos para que coincidisse com as principais datas da história nacional ou dos feitos de Artigas. A seleção dessas datas era usualmente explicada ao público

André Lopes Ferreira

durante os comícios, de tal modo que a audiência pudesse, sem dificuldades, relacionar passado e presente, ou seja, Artigas e Frente Ampla. Insisto que se tratava de enquadrar uma memória, de tentar dar-lhe contornos. Esclarecer publicamente²⁸ a razão daquelas datas só reforçava esse objetivo.

[...] *Tomamos la calle, y de un modo que Montevideo no tiene recuerdo igual, el 26 de marzo, aniversario de la bandera de Artigas. Esa bandera está en la base y animando los fines del Frente Amplio. Es nuestra piedra fundamental. Y hoy hemos querido que el primer examen colectivo que nos hacemos, luego de recorrer el país a lo largo y a lo ancho, coincida con el aniversario del natalicio de Artigas [19 de junho de 1764]. Que hagamos nuestra primera recapitulación el día de la Jura de la bandera, cuando especialmente las nuevas generaciones asumen formalmente su compromiso de fidelidad patriótica.*²⁹ (Grifos meus)

Ainda como parte desse esforço, podemos ler em outro discurso:

[...] Hoy, 19 de abril, cuando se recuerda el desembarco de los 33 Orientales, y al dar comienzo a nuestra Campaña Financiera venimos a reclamar el apoyo del pueblo para llevar adelante esta nueva Cruzada Libertadora [...] *¿Por qué elegimos esta fecha para iniciar la Campaña Financiera de frente Amplio? ¿Por qué insistimos en apoyar los pasos fundamentales de nuestra marcha en fechas memorables para la conciencia colectiva nacional?* Porque nuestro frente Amplio, realidad política presente, se enraíza en nuestro pasado para recoger las energías que le proyectan hasta el porvenir.³⁰ (Grifos meus)

²⁸ Em comemoração ao 25 de agosto de 1972, Seregni afirmava: En nuestra militancia frenteamplista hemos ido generando una tradición, un nuevo hábito político en el país. Si ustedes reflexionan y hacen memoria, apreciarán que la mayoría de los grandes actos del Frente Amplio, casi todas sus definiciones y muchos de los jalones que han ido marcando su camino en la vida pública uruguaya, han coincidido con las grandes fechas nacionales. *Y eso no es un azar. Eso demuestra la intención más profunda y esencial del Frente Amplio. Lo hemos hecho siempre deliberadamente*, porque nos sabemos un movimiento nacional, un movimiento cuyo aliento y vocación es la soberanía nacional. [...] Discurso pronunciado por Seregni en ocasión del 147º aniversario de la fecha patria de 25 de agosto, 1972. 25 ago. 1972. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). *El proceso previo al golpe de Estado (1972-1973)*. Colección Liber Seregni, Tomo II. Montevideo: Taurus, 2006, p. 179. (grifo meu)

²⁹ Discurso de Seregni en el barrio montevideano de La Unión. 19 jun. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 146.

³⁰ Discurso de Seregni en el teatro Galpón. 19 abr. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). *Ibidem.*, p. 61.

O enquadramento da memória artiguista também passava por outras estratégias, notadamente pela associação dos ideais do caudilho com os da FA, associação que também pode ser entendida como adequação. Já que as leituras de Artigas eram múltiplas, é natural que os partidos majoritários, ao rememorá-lo, dessem mais ênfase à faceta estritamente cívica do herói, ao passo que a Frente Ampla ressaltava seus projetos reformadores, de cunho social e econômico. Como já indiquei em outro momento, a Frente Ampla projetava em Artigas as demandas da sociedade uruguaia de então, como aparece claro no trecho do discurso seguinte:

Con Artigas nació un pueblo unido. Artigas fue la primera unidad popular del Uruguay, fue el primer Frente Amplio del Uruguay, *la política interior de Artigas, con el Reglamento de Tierras y el Reglamento Aduanero, la reforma agraria y la protección a la industria nacional, tuvo como objetivo la justicia social y el desarrollo interno.* [...] ³¹ (Grifos meus)

Depois, para não deixar dúvidas quanto à natureza do pensamento artiguista, Seregni advertia: “[...] Fue la suya una visión revolucionaria de las necesidades del país. [...]” ³² Não eram a reforma agrária e o desenvolvimento e proteção da indústria nacional – itens incluídos na seção *Reforma de la estructura económica y social* ³³ das *Bases programáticas* – dois dos pilares do programa da Frente Ampla?

É notória a semelhança entre aquilo que Seregni arroga a Artigas como sendo sua *política interior* e as *Bases programáticas*. Nesse sentido, Artigas e suas ideias – pelo menos aquelas que lhes eram atribuídas – tanto corroboram quanto são corroborados pela coalizão; o prócer dos uruguaiois legitima a FA, mas também é legitimado por ela: “Todos debemos hacer nuestra la aspiración del jefe de los orientales: “Nada haría para mí más lisonjero; nada más satisfactorio que el que se arbitrase lo conducente a restablecer con prontitud los surcos de la vida y prosperidad general”. [...]” ³⁴

³¹ Discurso de Seregni en el barrio montevideano de La Unión. 19 jun. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). *Ibidem.*, p. 148.

³² *Ibidem.*

³³ *Bases Programáticas*. In: AGUIRRE BAYLEY, Miguel. *op. cit.*, p. 91.

³⁴ Discurso de Seregni en Paysandú, el 9 de mayo de 1971. 9 mai. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). *Ibidem.*, p. 77.

As *guerras de memória* que têm Artigas como objeto também fazem parte dos discursos de Líber Seregni. O candidato chegou mesmo a acusar as elites do país de se apropriar do *herói* de maneira indevida, deturpando seu ideário: “Y también es hoy nuestro deber, nuestra obligación patriótica, denunciar ante el país cómo la minoría gobernante, cómo la oligarquía latifundista, bancaria exportadora, tergiversa el ideario de Artigas, como lo traiciona hoy, al igual que ayer. [...]”³⁵

Além das *elites governantes*, as *oligarquias* e os *financistas*, uma das organizações que, de acordo com Seregni, utilizava de forma oportunista os *rótulos artiguistas* era a *Juventud Uruguaya de Pie* – JUP, grupo anticomunista de extrema direita: “[...] El Frente Amplio desagracia a Artigas ante los desmanes de gente como la JUP, que quiere usarlo como escudo para convulsionar intencionalmente, con la violencia, el clima de la enseñanza secundaria.”³⁶ Àqueles que se apropriavam de Artigas apenas para *enterrá-lo* ou *neutralizá-lo*, Seregni opunha a Frente Ampla, *legítima* detentora da *herança de Artigas*:³⁷

Nuestra fidelidad a Artigas se expresa hoy en la constitución misma del Frente Amplio, en su movilización y en su conciencia. *El Frente Amplio es nuestro mejor homenaje a Artigas. Porque así como nosotros somos de Artigas, Artigas es nuestro.* Somos y queremos ser la renovación del artiguismo, un retomar de la mejor tradición del país, para enfrentar con nuestras mejores energías esta hora amenazadora y abrirle un futuro, el suyo, al Uruguay.³⁸ (Grifo meu)

Como tentei demonstrar, Artigas e o artiguismo são componentes centrais no discurso eleitoral da Frente Ampla. Não só do ponto de vista das propostas defendidas pela coalizão, como também de sua identidade que ali começava a se formar, a figura do *herói nacional* uruguaio foi constantemente mobilizada, havendo então um *enquadramento* da memória coletiva com vistas a amalgamar politicamente a nova força.

³⁵ Discurso de Seregni en el barrio montevideano de La Unión. 19 jun. 1971. In: CAETANO, Gerardo (Coord.). op. cit., p. 146-147.

³⁶ Ibidem., p. 147.

³⁷ Ibidem.

³⁸ Ibidem., p. 146.

Se a *identidade social* de um grupo é uma imagem que se volta ao mesmo tempo para *si* e para o *outro*, quer dizer, para a própria coletividade e simultaneamente para os elementos externos a ela (POLLACK, 1992, p. 5), a Frente Ampla, além de se afirmar a cada momento como a legítima herdeira de Artigas, teve que disputar esse legado com outros segmentos políticos uruguaios, configurando assim uma clara *guerra* pela memória coletiva nacional.

A leitura da história nacional defendida por Seregni legitimava o surgimento e atuação da Frente Ampla, pois ancorava essa experiência na história e tradição artiguistas, como se o aparecimento do frenteamplismo fosse, na verdade, o desenrolar das lutas de Artigas e seus tenentes. Ao sustentar esse discurso, a FA se colocava como o ponto culminante de uma narrativa que englobava as lutas populares desde a formação do Estado nacional uruguaio.

Fontes

- AGUIRRE BAYLEY, M. *El Frente Amplio*. Historia y documentos. Montevideo: EBO Ediciones de la Banda Oriental, 1985. p. 144.
- CAETANO, G. (Coord.). *La fundación del Frente Amplio y las elecciones de 1971*. Colección Liber Seregni, Tomo I. Montevideo: Taurus, 2005. p. 282.
- _____. (Coord.). *El proceso previo al golpe de Estado (1972-1973)*. Colección Liber Seregni, Tomo II. Montevideo: Taurus, 2006. p. 340.
- TUPAMAROS. *Artigas y el Movimiento de Liberación Nacional*. Montevideo: YOE, 1989, p. 11. p. 109.

Bibliografía

- ANSART, P. *Ideologías, conflictos e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p. 276.
- BLIXEN, S. *Seregni: la mañana siguiente*. Montevideo: Ediciones de brecha, 1997. p. 255.

André Lopes Ferreira

- CABRAL, J. P. C. Trajetória do Movimento de Libertação Nacional – *Tupamaros* –, 1962-1973: algumas questões de identidade e poder. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, Porto Alegre, vol. XXXIII, n. 2, p. 156-171, dezembro 2007.
- CAPELATO, M. H.; DUTRA, E. R. F. Representação política. O reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 227-267.
- COSE, I; MARKARIAN, V. *Memorias de la historia: una aproximación al estudio de la conciencia histórica nacional*. Montevideo: Ediciones Trilce, 1994. 128 p.
- COSTA BONINO, L. *La crisis del sistema político uruguayo*. Partidos políticos y democracia hasta 1973. Montevideo: FCU – Fundación de Cultura Universitaria, 1995. p. 275.
- GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 208.
- MOREIRA, C. “A Esquerda no Uruguai e no Brasil: cultura política e desenvolvimento partidário”. *Opinião Pública*, Campinas, vol. 6, n. 1, p. 17-54, 2000.
- POLLACK, M. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RILLA, José. *La actualidad del pasado*. Usos de la historia en la política de partidos del Uruguay (1942-1972). Montevideo: Sudamericana; Debate, 2008. p. 525.
- SOLARI, Aldo. *Uruguay*. Partidos políticos y sistema electoral. Montevideo: El libro libre; FUCCYT, 1988. p. 255.